

A PRODUÇÃO DE VERBOS MONOARGUMENTAIS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Amanda Carvalho Souza*

Resumo

Neste artigo buscamos apresentar resultados de uma pesquisa sobre a produção de verbos monoargumentais no processo de aquisição da linguagem. A partir do quadro teórico gerativista, especialmente Chomsky (1975, 1977, 1995, 2002), investigamos como as sentenças formadas por verbos que exigem somente um argumento surgem na produção linguística de duas crianças. Tradicionalmente, os verbos que não apresentam complemento verbal são categorizados como intransitivos. Contudo, estudos demonstram que esses verbos dividem-se em duas classes verbais distintas: a dos inergativos e a dos inacusativos, pois apresentam características sintáticas e semânticas diferentes entre si. Dentre as propriedades sintáticas que diferenciam esses verbos, essa pesquisa focalizou-se na análise da ordem dos constituintes nesses tipos de sentenças. No que se refere às propriedades semânticas, essa pesquisa centrou-se na relação entre as noções de (a)telicidade e os verbos monoargumentais. Palmiere (2002) e Ciríaco e Cançado (2004) indicam que os verbos inacusativos tendem a ser télicos e os inergativos, atélicos. Há, por outro lado, estudos que demonstram que essa relação nem sempre ocorre, tal como o trabalho de Xavier (2016). Os resultados das análises apontam que os verbos inergativos ocorrem exclusivamente na ordem sujeito-verbo e os verbos inacusativos aparecem preferencialmente nessa ordem. A produção de sentenças inacusativas na ordem sujeito-verbo permitiu identificar a aplicação da operação sintática de movimento, considerando-se que o argumento único desse tipo de verbo é gerado na posição de objeto da sentença. Essa constatação é relevante já que se trata de dados de aquisição da linguagem. Os verbos monoargumentais também possuem relação com o aspecto semântico, pois os verbos inacusativos e os inergativos formaram mais vezes predicados atélicos.

Palavras-chave: Teoria Gerativa. Aquisição da Linguagem. Inacusatividade. Inergatividade. Aspecto Semântico.

THE PRODUCTION OF MONOARGUMENTALS VERBS IN THE PROCESS OF LANGUAGE ACQUISITION

Abstract

In this article we present the results of a research on the production of monoargumentals verbs in the process of language acquisition. From the generative theoretical framework, especially Chomsky (1975, 1977, 1995, 2002), we investigate how sentences formed by verbs that require only one argument arise in the linguistic production of two children. Traditionally, verbs that do not have verbal complements are categorized as intransitive. However, studies show that these verbs are divided into two distinct verbal classes: unergative and unaccusative, since they have different syntactic and semantic characteristics. Among the syntactic properties that differentiate these verbs, this research focused on the analysis of the order of the constituents in these types of sentences. As regards semantic properties, this research focused on the relationship between notions of (a)telicity and monoargumentals verbs. Palmiere (2002) and Ciríaco and Cançado (2004) indicate that the unaccusative verbs tend to be telic and the unergative, atelic. There are, on the other hand, studies that show that this relationship does not always occur, as does Xavier's work (2016). The results of the analyzes indicate that the unergative verbs occur exclusively in the subject-verb order and the unaccusative verbs appear preferentially in that order. The production of unaccusative sentences in the subject-verb order allowed to identify the application of the syntactic operation of movement, considering that the unique argument of this type of verb is generated in the position of object of the sentence. This finding is relevant since it deals with language acquisition data. The monoargumentals verbs also have relation with the semantic aspect, since unaccusative and unergative verbs have more often formed atelic predicates.

Keywords: Generative Theory. Acquisition of Language. Unaccusativity. Unergativity. Semantic Aspect.

Recebido em: 30/10/2018

Aceito em: 15/11/2018

*Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Bolsista da FAPEMIG.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta pesquisa, investigamos a produção de sentenças com verbos monoargumentais no processo de aquisição da linguagem, a partir do quadro teórico gerativista. Tradicionalmente, os verbos intransitivos são aqueles que não precisam de complemento verbal, já os transitivos precisam de complemento. Contudo, estudos linguísticos, tais como os de Mito, Silva e Lopes (2013), Ciríaco e Cançado (2004), Palmiere (2002), demonstram que esse grupo denominado intransitivo divide-se em duas classes verbais distintas: a dos verbos inergativos e a dos inacusativos. Esses verbos possuem propriedades sintáticas e semânticas diferentes entre si, o que leva à divisão desse grupo. Diante disso, consideramos relevante analisar como esses verbos surgem na produção linguística de crianças em fase de aquisição da linguagem.

Os verbos classificados como inergativos selecionam apenas um argumento externo para compor a sua estrutura argumental, como em: “O menino nadou”. Nessa sentença, há um verbo que seleciona apenas um argumento externo que é representado pelo sintagma determinante (SD) [o menino]. Por outro lado, os verbos inacusativos selecionam somente um argumento interno para compor a sua estrutura argumental, como em: “Chegou o menino”. Nessa estrutura, há um verbo exigindo apenas um argumento interno que é representado pelo SD [o menino].

As estruturas inacusativas também podem apresentar a posição sintática de sujeito preenchida, como em: “O menino chegou”. Nesse caso, o argumento interno “move-se” da posição onde é gerado, isto é, da posição de complemento da sentença, para a posição de sujeito. Desse modo, a alternância entre “O menino chegou” e “Chegou o menino” é natural.

Para entendermos esse movimento argumental explicitado acima, é necessário apresentarmos alguns pressupostos base do quadro teórico ao qual nos filiamos. Para a Teoria Gerativa, especialmente em Chomsky (1975, 1977, 1995, 2002), os indivíduos são biologicamente programados para adquirir qualquer língua. Assim sendo, a criança nasce com um dispositivo específico para a linguagem que a permite adquirir a língua à qual é exposta em um tempo relativamente curto. A Sintaxe (ou Sistema Computacional) é o componente da arquitetura da linguagem humana responsável por gerar as expressões linguísticas. Uma das operações efetuadas pela Sintaxe é denominada *Move* (mover). Sumariamente, essa operação “movimenta” determinados elementos no curso de uma derivação sintática. Consideramos que a produção de verbos monoargumentais nos permite observar a capacidade das crianças em estruturarem uma sentença com os seus movimentos sintáticos, dado que as sentenças inacusativas podem ocorrer tanto na ordem VS (verbo-sujeito) quanto na ordem SV (sujeito-verbo).

No que tange às propriedades semânticas que diferenciam os verbos monoargumentais, focalizamos na relação entre o tipo de estrutura monoargumental e o aspecto semântico evidenciado. Certos estudos associam os verbos inergativos e os inacusativos a tipos determinados de aspecto semântico. Palmiere (2002) e Ciríaco e Cançado (2004) apontam que os verbos inacusativos tendem a ocorrer em eventos télicos, e os inergativos em eventos atélicos. No entanto, Xavier (2016) evidenciou que, ao contrário do que demonstravam algumas pesquisas, os verbos inacusativos não ocorrem somente em eventos télicos. Diante dessa discrepância de resultados, investigamos a relação entre esses tipos de aspecto semântico e os verbos

monoargumentais.

Em síntese, com o desenvolvimento dessa pesquisa, procuramos responder às seguintes perguntas: a) em que fase surgem as estruturas inergativas e as inacusativas? ; b) como os verbos inergativos e os inacusativos aparecem na fala das crianças, se na ordem SV ou na VS? ; c) em que faixa etária as crianças alternam a ordem da estrutura inacusativa e, portanto, realizam o movimento argumental? ; d) em que ordem os verbos inergativos e os inacusativos normalmente ocorrem? ; e) qual a relação entre o tipo de verbo monoargumental e o aspecto semântico?

Para a realização dessas análises, utilizamos um *corpus* composto por 32 gravações de produções linguísticas de duas crianças em fase de aquisição da linguagem. As gravações com a primeira criança iniciaram-se aos dois anos, quatro meses e um dia de idade (02; 04,01) e encerram-se aos quatro anos, três meses e dezesseis dias (04; 03,16). As gravações com a segunda criança começaram aos dois anos, um mês e dezoito dias de idade (02; 01,18) e finalizaram-se aos três anos, três meses e quatro dias (03;03,04). Esse *corpus* faz parte do projeto “Letramento e Desenvolvimento de Linguagem Escrita: construção social, ensino e aprendizagem de língua escrita” e foi cedido pela Prof. Dra. Roxane Helena Rodrigues Rojo.

Quanto à organização deste artigo, em um primeiro momento, discorreremos sobre a composição da estrutura inacusativa e da inergativa. É nesse momento que detalharemos sobre o tipo de argumento selecionado por essas classes de verbos. Posteriormente, falaremos especificamente sobre a relação entre esses verbos e o aspecto semântico. Em um terceiro momento, mostraremos o que alguns trabalhos dizem a respeito da aquisição de verbos monoargumentais. Na sequência, apresentaremos a metodologia adotada nesse trabalho. Sucessivamente, mencionaremos os resultados obtidos com análise dos dados infantis. Por fim, traremos as nossas considerações finais.

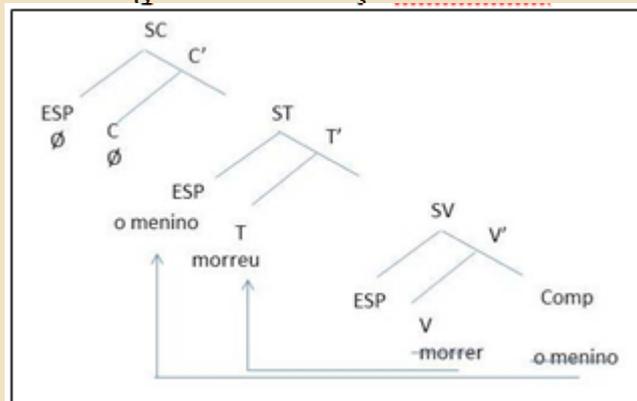
2 INACUSATIVIDADE E INERGATIVIDADE: ENTENDENDO AS ESTRUTURAS MONOARGUMENTAIS

Como apresentado anteriormente, os verbos inacusativos e os inergativos são verbos monoargumentais e, por isso, selecionam apenas um argumento para compor a sua estrutura argumental. Tradicionalmente, esses verbos são conhecidos como intransitivos.

Ao debruçarmos-nos sobre os estudos que versam sobre a inacusatividade e a inergatividade, como o estudo de Ciríaco e Cançado (2004), constatamos que a divisão dos verbos intransitivos foi proposta, inicialmente, por Perlmutter (1978) e, posteriormente, discutida por Burzio (1986). Ao investigar certos fenômenos da língua italiana, Burzio (1986) verificou que a classe de verbos intransitivos não é homogênea. Os verbos pertencentes a essa classe apresentam comportamentos diferentes, logo, não devem ser inseridos dentro de uma única classe verbal.

Uma propriedade sintática amplamente discutida pela literatura e que evidencia esse comportamento divergente é o tipo de argumento selecionado. A fim de tornar mais clara essa propriedade, analisemos a construção arbórea da sentença: “O menino morreu”.

Figura 1 – Sentença Inacusativa



Fonte: Elaborada pela autora

O verbo “morrer” é categorizado como inacusativo. Como podemos observar na árvore, esse verbo exige que apenas uma posição sintática seja preenchida: a de complemento verbal. Nessa sentença, o complemento do verbo é representado pelo SD [o menino].

Para que seja formada uma construção como “O menino morreu”, algumas operações acontecem. Conforme os pressupostos gerativistas, o verbo desloca-se da posição de núcleo do sintagma verbal (SV) para a posição de núcleo do sintagma temporal (ST) a fim de receber suas flexões (tempo, número, pessoa, modo, aspecto), dado que surge na sua forma não finita. Além disso, o SD [o menino], que é gerado na posição de complemento verbal/objeto, alça para a posição de sujeito da sentença (posição de especificador do ST), formando-se, então, a sentença “O menino morreu”.

Importante salientarmos que esse complemento do verbo inacusativo poderia não ter se deslocado e, nesse caso, teríamos a formação da sentença: “Morreu o menino” (ordem VS). De acordo com Ciríaco e Cançado (2004), a ordem VS é mais aceita em construções com verbos inacusativos, pois o argumento único desse tipo de verbo é um objeto em sua origem, como visualizamos na árvore sintática.

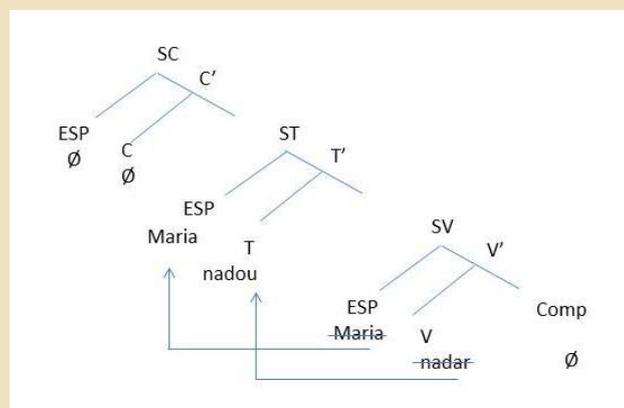
Esses movimentos do verbo e de seu complemento acontecem via operação *Move* que já foi inicialmente apresentada nesse artigo. Contudo, alguns esclarecimentos são necessários. No decorrer dos estudos gerativistas, essa noção de movimento foi sendo modificada. Em Chomsky (1995), entende-se que essa operação ocorre somente quando é definida morfologicamente, ou seja, pela necessidade de verificação de algum traço. Em estudos mais recentes, essa operação para verificação de traços ganhou novas denominações:

nos últimos escritos de Chomsky, a noção de movimento foi substituída pela noção de atração. Ou seja, se o movimento é provocado pela atração de um núcleo funcional, que, em última instância, é um feixe de traços, o conceito principal é o de atração, que é desencadeado por um traço do lugar de pouso do elemento movido. Mais recentemente ainda, a noção foi substituída por *Agree*, que pressupõe a transmissão de traços por parte da categoria que tem traços valorados a uma categoria que ainda não tem os traços correspondentes valorados (HERMONT, 2005, p. 49).

Em Hermont (2014), a autora acrescenta que, desde Chomsky (2001), a operação de movimento foi denominada “Merge interno”. Sobre esse assunto, Kenedy (2013) elucida que a noção de regra de movimento é um recurso técnico da descrição linguística por meio do qual é possível compreender como os sintagmas estabelecem combinações não locais, isto é, combinações de longa distância. A partir desses esclarecimentos, apreendemos que essa noção de movimento é um mecanismo didático para o entendimento de relações abstratas que ocorrem no processo de derivação sintática.

Passemos, a seguir, para a explicitação do outro tipo de verbo intransitivo, o inergativo. Vejamos a estrutura para a sentença: “Maria nadou”.

Figura 2 – Sentença Inergativa



Fonte: Elaborada pela autora

Essa é uma sentença composta por um verbo inergativo e, então, apresenta apenas a posição de sujeito sintático preenchida. Como podemos verificar na árvore acima, a posição de complemento do verbo está vazia e o sintagma nominal [Maria] ocupa a posição de sujeito. Assim como na sentença anterior, há o movimento do verbo da posição de núcleo do SV até a posição de núcleo do ST para receber as suas flexões. O argumento externo [Maria], que surge como especificador do SV, desloca-se para a posição de sujeito e, então, a sentença “Maria nadou” é formada. Para Palmiere (2002), a diferença entre inacusativos e inergativos se torna difícil justamente pelo fato de que o argumento único do verbo inacusativo pode comportar-se como sujeito da frase, bem como o argumento do verbo inergativo. Em outras palavras, tanto a estrutura inacusativa quanto a inergativa podem apresentar a posição de sujeito preenchida, daí a dificuldade em diferenciá-las.

Ancorados no quadro teórico gerativista, Miotto, Silva e Lopes (2013) também desenvolveram uma importante discussão acerca desses verbos monoargumentais. Diferentemente dos estudos citados até aqui, esses autores propõem uma série de tipos de verbos inacusativos conforme o complemento que selecionam. Abaixo serão mencionados os inacusativos com complementos (*quasi-*) sentenciais, segundo a categorização estabelecida pelos autores:

- a) Inacusativos que selecionam CP como complemento (p.153):

Exemplo: Convém [_{CP} **que** a Maria traga a mochila dela].

Nesse caso, o verbo “convir” seleciona como complemento uma sentença iniciada por um complementizador (conjunção “que”): [que a Maria traga a mochila dela]. Podemos observar que esse complemento é mantido na sua posição de origem.

b) Inacusativos que selecionam complemento no infinitivo impessoal – InfP (p.153):

Exemplo: A Maria **deve** trazer a mochila dela.

Para os autores, a maior parte dos verbos pertencentes a essa classe é modal, dado que modalizam o evento expresso pelo verbo encaixado, neste caso, o verbo “trazer”. O que eles argumentam é que o verbo “dever” seleciona como complemento interno a seguinte sentença no infinitivo impessoal: [A Maria **trazer** a mochila dela], sendo que, no curso da derivação sintática, o sintagma [A Maria] é alçado à posição de sujeito da sentença matriz, formando-se, então, a sentença: [A Maria **deve** trazer a mochila dela]. Cabe esclarecermos que, ainda que ocupe a posição de sujeito dessa sentença, o sintagma [A Maria] não é argumento externo do verbo “dever”. Dito de outra forma, esse sintagma não foi selecionado semanticamente pelo verbo em questão. Essa observação vale para todas as construções inacusativas nas quais a posição de sujeito esteja preenchida. Outros exemplos desse tipo de inacusativo: “parecer”, “poder”, “costumar”, “ir” (significando futuro), etc.

c) Inacusativos que selecionam complemento no gerúndio (p.155):

Exemplo: A Maria **está** trazendo a mochila dela.

De acordo com Mioto, Silva e Lopes (2013), esses verbos são considerados aspectuais, uma vez que assinalam o aspecto durativo ao evento apresentado pelo verbo encaixado (“trazer”). Parte-se do entendimento de que o verbo “estar” seleciona complemento no gerúndio e, portanto, teríamos: Está [A Maria **trazendo** a mochila dela]. No processo de derivação sintática, há aplicação da regra de movimento e o SD [A Maria] desloca-se para a posição de sujeito, o que gera: [A Maria **está** trazendo a mochila dela]. Outros exemplos mencionados são: “ficar”, “andar (± caminhar)”, “permanecer”, etc.

d) Inacusativos que selecionam como complemento uma *Small Clause*

(SC) (p.156):

Exemplos:

- 1) A Maria é corajosa;
- 2) A Maria é uma heroína;
- 3) A Maria é de ferro.

Em todas essas sentenças, o verbo “ser” (tradicionalmente nomeado verbo de ligação) seleciona como complemento uma SC. Para Mioto Silva e Lopes (2013), o sintagma que ocupa a posição de sujeito dessas sentenças é argumento do predicado dessa SC e foi alçado à posição de sujeito. Para uma melhor compreensão desse tipo de verbo inacusativo, retomaremos os exemplos propostos.

A primeira sentença é formada pela SC: [A Maria corajosa], que foi selecionada como complemento para o verbo “ser”. O predicado dessa SC é o sintagma predicativo [corajosa]. Portanto, é esse sintagma que seleciona o argumento [A Maria], que é deslocado para a posição de sujeito da sentença. Esse mesmo processo acontece nos demais exemplos apresentados. Porém, eles apresentam SC’s predicadas por tipos diferentes de sintagma. Por exemplo, na segunda sentença, é o SD [uma heroína] que seleciona o argumento [A Maria]. Na terceira sentença, é o sintagma preposicionado (SP) [de ferro] que seleciona o argumento [A Maria].

Com toda essa descrição realizada, é notório que, no estudo de Miotto, Silva e Lopes (2013), os verbos conhecidos como modais e de ligação são inseridos na classe de verbos inacusativos. Como já salientado, essa proposta difere-se dos outros estudos mencionados em nossa pesquisa. Até aqui, focalizamos apenas na estrutura sintática dos verbos monoargumentais. Em seguida, discutiremos especialmente sobre o aspecto verbal, visto que diferentes estudos linguísticos colocam-no como uma das propriedades semânticas diferenciadoras dos verbos monoargumentais. Em geral, verbos inacusativos são ligados ao traço télico e os inergativos, ao atélico.

3 O ASPECTO VERBAL E OS VERBOS MONOARGUMENTAIS

Para discorrermos acerca da relação entre os verbos monoargumentais e o aspecto, é preciso delimitar essa categoria verbal. Comrie (1976, p. 5) elucida que o aspecto se interessa pela “constituição temporal interna da situação”. Essa categoria verbal é dividida em duas noções: aspecto gramatical e aspecto semântico. De um modo geral, o aspecto gramatical está atrelado às noções de perfectividade e imperfectividade. Podemos dizer que um verbo está na sua forma perfectiva quando o evento é visto em toda a sua extensão e tem marcado seu término, como em “Heloísa construiu uma casa”. Um verbo está na sua forma imperfectiva quando o evento expressa uma das fases internas da situação, sem que se enfatize o final, como em “Ela lia um livro”.

O aspecto semântico relaciona-se com as noções de telicidade e de atelicidade. A partir do estudo de Comrie (1976), depreendemos que as situações télicas apresentam um ponto final claramente delimitado, como em “John está fazendo uma cadeira¹” (p. 44). Há um momento no qual John completa essa ação. Em contrapartida, as situações atélicas não apresentam esse ponto final, como em: “John está cantando²” (p. 44). Esses exemplos demonstram claramente a maneira pela qual o aspecto se preocupa com o tempo interno da situação expressa em dada sentença.

Vendler (1967) também é uma importante referência para os estudos que lidam com a categoria aspecto. Esse autor dividiu os verbos em quatro categorias aspectuais, quais sejam: verbos *activity*, *accomplishments*, *achievements*, *states*. Os verbos de atividade expressam processos que ocorrem no tempo sem um término delimitado, como em “João está nadando”. Os verbos *accomplishments* também expressam processos, porém apresentam um término delimitado, como em “João está nadando até a borda”. Para o autor, os verbos *achievements* e os estados

1 John is making a chair (COMRIE, 1976, p. 44).

2 John is singing (COMRIE, 1976, p. 44).

não expressam processos que ocorrem no tempo. A diferença entre eles reside no fato de que os *achievements* são verbos pontuais, ou seja, “ocorrem em um único momento” (VENDLER, 1967, p. 24), como em: “A menina caiu”. E os estados podem perdurar por um período curto ou longo de tempo, como em: “João ama Maria”.

Baseando-se nessas classes aspectuais propostas por Vendler (1967), Palmiere (2002) propõe que:

os verbos inacusativos são tipicamente *achievements*, expressando o resultado do processo, uma mudança, sendo que essa é vista como que ocorrendo simultaneamente. Por outro lado, os inergativos são tipicamente *activities*, descrevendo atividades e atéticos, de alguma forma envolvendo a noção de duração da ação (PALMIERE, 2002, p. 161).

Ciríaco e Cançado (2004) corroboram essas relações mencionadas. De acordo com as autoras, os verbos *achievements* são pontuais. Da mesma maneira, os verbos inacusativos referem-se ao ponto final do evento expresso pelo verbo. Por isso, haveria uma forte relação entre inacusatividade e a classe *achievement*. Os verbos de atividade indicam o tempo transcorrido desde o início de um evento (atéticos). Percebemos, então, que os verbos inacusativos estão vinculados à noção de telicidade e os verbos inergativos, à noção de atelicidade.

Apesar de todas essas constatações, Xavier (2016) obteve um resultado divergente ao investigar a relação entre (a)telicidade e as estruturas monoargumentais. Essa autora mostrou que “os verbos inacusativos ocorrem mais vezes em situações atéticas, assim como os verbos inergativos também [...] os verbos inacusativos não fixam sempre o ponto final da ação, ou seja, não tendem a terminar.” (XAVIER, 2016, p. 221). Cabe ressaltarmos que Xavier (2016) considerou os verbos modais e de ligação como sendo inacusativos, como é defendido em Miotto, Silva e Lopes (2007). Assim sendo, “com a inclusão desses verbos, que, na maior parte das vezes, são verbos de estado, não se tem mais a ideia de que os inacusativos marcam apenas o término da ação.” (XAVIER, 2016, p. 221).

Em nossas análises, nós também procuramos averiguar a relação entre (a)telicidade e monoargumentalidade. Assim como Xavier (2016), consideramos os verbos modais e de ligação como inacusativos. Adotamos essa ideia com objetivo de verificar se o comportamento desses verbos se difere do comportamento dos inacusativos prototípicos que são bastante discutidos pela literatura, tais como: “morrer”, “cair”, “quebrar”, “acontecer”, etc. Realizados esses esclarecimentos sobre o aspecto verbal, falaremos em seguida sobre a aquisição das estruturas monoargumentais.

4 OS VERBOS MONOARGUMENTAIS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Nesta seção, apresentaremos alguns trabalhos que versam sobre a aquisição de verbos monoargumentais. Antes disso, discorreremos sobre o processo de aquisição da linguagem a partir do quadro teórico que embasa este trabalho.

A Teoria Gerativa postula a existência de um mecanismo inato dedicado à linguagem, denominado de faculdade da linguagem. Sendo assim, as crianças são biologicamente programadas para adquirir qualquer língua. A faculdade da linguagem possui um estágio inicial denominado de gramática universal (GU). Essa GU é formada por um conjunto de princípios e de parâmetros. Os primeiros referem-se às regras universais que orientam todas as línguas naturais. A partir desses princípios, são determinados certos parâmetros que devem ser valorados e fixados conforme a língua à qual a criança é exposta em tenra idade. Esses parâmetros podem ser entendidos como um conjunto de opções possíveis de aplicação das regras universais. Nesse raciocínio, “a aquisição da linguagem é interpretada como o processo de fixação de parâmetros do estado inicial em uma das formas permitidas. Uma escolha específica de configurações de parâmetros determina a língua³” (CHOMSKY, 1995, p. 6, tradução nossa). Assim, as diferenças entre as línguas são explicadas em termos da fixação desses parâmetros.

No que tange especificamente à aquisição de verbos monoargumentais, os estudos de Palmiere (2002) e de Costa e Lopes (2016) nos trazem importantes contribuições. Palmiere (2002) evidenciou que a produção linguística inicial das crianças é caracterizada pelo uso de nomes e de verbos. Essa primeira observação nos atesta a importância de pesquisas que versem sobre a aquisição dessas categorias. Sobre as estruturas monoargumentais, a pesquisadora atestou que a posposição do sujeito (ordem VS) é realizada apenas em sentenças com verbos inacusativos. Em vista disso, as crianças demonstram conhecer a sintaxe desses verbos monoargumentais, dado que a ordem base da sentença inacusativa é, justamente, a ordem VS.

Apesar de menos frequente, Palmiere (2002) encontrou estruturas inacusativas na ordem SV. Nesses casos, ocorre o denominado movimento argumental. Todas as ocorrências com verbos inergativos tiveram seu argumento único em posição de sujeito da sentença (ordem SV).

Os dados analisados pela pesquisadora também revelaram a relação existente entre os verbos monoargumentais e o aspecto verbal. Isso porque os verbos inacusativos apareceram, na maior parte das ocorrências, flexionados no pretérito perfeito. Já as estruturas inergativas estavam, preferencialmente, flexionadas no progressivo. A autora entende que as crianças flexionam os verbos inacusativos no pretérito perfeito para assinalar, justamente, o efeito resultante de um evento, uma mudança de estado ou de lugar, exprimindo-se, assim, a situação como acabada e completa. A flexão dos verbos inergativos no progressivo também marca uma distinção aspectual, visto que os inergativos denotam atividades e envolvem a noção de duração da ação. Todos esses resultados alcançados indicam que, desde muito cedo, as crianças diferenciam os verbos conhecidos como intransitivos e realizam-nos de maneiras divergentes.

Costa e Lopes (2016) nos apresentam informações que corroboram as análises realizadas por Palmiere (2002). Tendo como base os resultados obtidos por Friedmann e Costa (2010), Costa e Lopes (2016) afirmam que a criança sabe distinguir, precocemente, as classes verbais, pois “repetem com sucesso as ordens SV e VS com verbos inacusativos, mas não repetem as ordens VS com verbos inergativos⁴” (COSTA; LOPES, 2016, p. 563, tradução nossa). Esses autores

3 Language acquisition is interpreted as the process of fixing the parameters of the initial state in one of the permissible ways. A specific choice of parameter settings determines a language (CHOMSKY, 1995, p. 6).

4 Children successfully repeat SV and VS orders with unaccusative verbs, but fail to repeat VS orders with unergative verbs (COSTA; LOPES, 2016, p. 563).

também discutem sobre a aquisição de operações de movimento. Segundo eles, há fortes indícios de que as crianças que adotam o português efetuam essas operações desde muito cedo. Ademais, elas não demonstram dificuldades com o movimento argumental, como o que acontece quando há ocorrência da estrutura inacusativa na ordem SV.

As conclusões alcançadas por Palmiere (2002) e por Costa e Lopes (2016) foram o ponto de partida para as análises efetuadas em nosso estudo. A seguir, mencionaremos a metodologia adotada para que, assim, possamos discutir especificamente sobre os diagnósticos realizados com os dados das duas crianças em análise.

5 METODOLOGIA

Para investigarmos a produção de sentenças monoargumentais no processo de aquisição da linguagem, analisamos 32 gravações realizadas com duas crianças. Essas gravações fazem parte do *corpus* do projeto “Letramento e Desenvolvimento de Linguagem escrita: construção social, ensino e aprendizagem de língua escrita”. Esses dados linguísticos foram cedidos pela professora doutora Roxane Helena Rodrigues Rojo.

Para fins didáticos, nomeamos a primeira criança de “criança A” e a segunda de “criança B”. As gravações com a criança A foram iniciadas com dois anos, quatro meses e um dia de idade (02;04;01) e encerraram-se com quatro anos, três meses e dezesseis dias de idade (04;03;16). Com a criança B, as gravações iniciaram-se a partir da idade de dois anos, um mês e dezoito dias (02; 01;18) e encerram-se quando a criança tinha três anos, três meses e quatro dias de idade (03;03;04). Para estabelecermos um paralelo entre a produção da criança A e a da criança B, dividimos os seus dados em etapas de análise, sendo que cada etapa abrange em média um período de dois meses. Por meio das tabelas a seguir, é possível visualizar essa divisão proposta:

Tabela 1- Etapas de análise A

ETAPAS DE ANÁLISE (CRIANÇA A)		
ETAPAS	IDADE INICIAL	IDADE FINAL
1ª etapa	(02;04,01)	(02;06,12)
2ª etapa	(02; 10,08)	(03;00,16)
3ª etapa	(03; 01,02)	(03; 03,08)
4ª etapa	(03;04,16)	(03;05,25)
5ª etapa	(04;01,02)	(04;03,16)

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 2 – Etapas de análise B

ETAPAS DE ANÁLISE (CRIANÇA B)		
ETAPAS	IDADE INICIAL	IDADE FINAL
1ª etapa	(02;01,18)	(02;03,23)
2ª etapa	(02;04,17)	(02;06,29)
3ª etapa	(02; 09,20)	(02; 11,01)
4ª etapa	(03;01,25)	(03;03,04)

Fonte: Elaborada pela autora

Para categorização dos verbos monoargumentais encontrados nos dados das duas crianças, estabelecemos uma divisão desses verbos em três grupos diferentes, quais sejam:

- a) Verbos inergativos.
- b) Verbos inacusativos prototípicos.
- c) Verbos inacusativos (modais e de ligação).

Como podemos observar, os verbos inacusativos foram divididos em dois grupos diferentes, e, portanto, ressaltaremos a diferença entre eles. Em nossas análises, classificamos como inacusativos prototípicos os verbos que selecionam apenas um sintagma como complemento verbal. A título de exemplo, podemos mencionar as seguintes sentenças produzidas pelas crianças em análise: “A Gui **caiu** no chaum”, “**Cabou** a história”, “A J. **chegô!**”, etc. Já os verbos modais e de ligação encontrados nas produções linguísticas foram inseridos no terceiro grupo elencado. Vale retomarmos a informação de que Mioto, Silva e Lopes (2013) consideram os verbos modais e de ligação como inacusativos. Em nosso estudo, adotamos essa ideia defendida por eles e buscamos verificar se os verbos modais e de ligação se comportam de maneira divergente em relação aos inacusativos considerados prototípicos, especialmente no que se refere à ordem das sentenças e ao aspecto semântico. Acreditamos que essa divisão proposta nos permite verificar a influência dos verbos modais e de ligação para a classe dos inacusativos como um todo.

Primeiramente, investigamos a relação entre o tipo de verbo evidenciado nas sentenças e a ordem em que essas se encontravam (se VS, se SV). Por meio dessa observação, buscamos responder às quatro primeiras perguntas elencadas e apresentadas no início deste artigo, quais sejam: a) em que fase surgem as estruturas inergativas e as inacusativas? ; b) como os verbos inergativos e os inacusativos aparecem na fala das crianças, se na ordem SV ou na VS? ; c) em que faixa etária as crianças alternam a ordem da estrutura inacusativa e, portanto, realizam o movimento argumental? ; d) em que ordem os verbos inergativos e os inacusativos normalmente ocorrem? Posteriormente, examinamos a relação entre o tipo de estrutura monoargumental e o aspecto semântico da sentença. Com essa análise, respondemos a última pergunta: e) qual é a relação entre o tipo de verbo monoargumental e o aspecto semântico?

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste momento, mostraremos os resultados alcançados com as análises dos dados da criança A e da criança B. Para tal, buscaremos responder as questões elencadas para essa pesquisa e, ainda, estabelecer um paralelo da produção linguística dessas crianças. Cada seção abaixo traz uma dessas perguntas.

6.1 *Em que fase surgem as estruturas inergativas e as inacusativas?*

Desde a primeira etapa de análise, encontramos estruturas inergativas e inacusativas na produção das duas crianças. Vale retomarmos que a primeira etapa de análise dos dados da criança A abarca o seguinte intervalo de tempo: 02;04,01 aos 02;06,12 de idade. A primeira etapa de análise dos dados da criança B abrange a seguinte faixa etária: 02;01,18 aos 02;03,23 de idade. A seguir apresentamos alguns exemplos dos dados de A:

- a) É lina essa meia (A.: 02;04,30);
- b) **Quebô** minha tota (A.: 02; 06,12);
- c) Ela **tá** choando, ó (A.: 02; 06,12);
- d) Essi não **quebô** não, tá? (A.: 02; 06,12);
- e) Eu **vivê** (A.: 02; 06,12).

A sentença (a) é formada por um verbo de ligação (“ser”), categorizado como inacusativo, que apresenta seu argumento único em posição de objeto. Desse modo, essa sentença encontra-se na ordem VS. A sentença (b) apresenta um verbo inacusativo prototípico (“quebrar”) com o seu argumento único também em posição de objeto da sentença. Cumpre esclarecermos que certos verbos inacusativos, como o “quebrar”, podem ocorrer em sentenças intransitivas e em sentenças transitivas. A possibilidade de certos verbos inacusativos apresentarem uma contraparte transitiva é outra característica sintática que diferencia os verbos inacusativos dos verbos inergativos, conforme demonstrado por Palmiere (2002).

Retomando os exemplos apresentados, a sentença (c) exemplifica o caso de um verbo inacusativo (de ligação) cujo complemento é uma sentença no gerúndio. Sabemos que o pronome que ocupa a posição de sujeito da sentença matriz foi alçado da posição de argumento externo do verbo encaixado, nesse caso, o verbo “chorar”. A sentença (d) também é formada pelo verbo “quebrar”, mas se encontra na ordem SV. A sentença (e) é composta pelo verbo inergativo “viver” cujo argumento se localiza na posição de sujeito. As letras (c) e (d) evidenciam a aplicação da operação de movimento sintático. No entanto, observamos que, nessa primeira etapa de análise dos dados de A, o movimento do argumento nas estruturas prototípicas ainda é muito pequeno, uma vez que ocorreu apenas nessa estrutura mencionada (“essi não **quebô** não, tá?”). Por volta dos 02;11,25 de idade, a criança A começa apresentar mais estruturas com verbos inacusativos prototípicos na ordem SV, tal como ocorre nas sentenças abaixo:

- a) I eli **morreu** (A.: 02;11,25);
- b) A Gui **caiu** no chaum (A.: 02;11,25);
- c) I ela **acabô** (A.: 02;11,25);
- d) Ela **durmiu** na caminha (A.: 02,11,25).

Em todas essas construções, o argumento selecionado pelos verbos inacusativos nomeados prototípicos (morrer, cair, acabar, dormir) encontra-se na posição de sujeito da sentença.

Na primeira etapa de análise, a criança B produziu sentenças como:

- a) **Cabô** nada não (B.: 02;01,18);
- b) Galinha **tá** comendu pão da pipiu (B.: 02,01,18);
- c) Ele **caiu**, home (B.: 02;03,13);
- d) Ele **nadô**, ratinho (B.: 02;03,13).

A sentença (e) apresenta um verbo inacusativo categorizado como prototípico (“acabar”). O argumento desse verbo aparece em sua posição de origem, isto é, na posição de objeto da sentença. A estrutura (f) traz um verbo inacusativo de ligação (“estar”) que seleciona complemento no gerúndio, conforme proposto por Mioto, Silva e Lopes (2013). Em (g), há um verbo inacusativo classificado como prototípico “cair”. Esses dois últimos casos apresentados atestam a aplicação da operação de movimento, dado que são estruturas inacusativas na ordem SV. Por fim, a sentença (h) é composta pelo verbo inergativo “nadar” e o argumento selecionado por esse verbo encontra-se na posição de sujeito (ordem SV).

De um modo geral, constatamos que os verbos modais e de ligação aparecem em um número bem maior se comparados aos verbos inacusativos prototípicos. Tal diagnóstico foi evidenciado em todas as etapas de análise de ambas as crianças. No que diz respeito aos verbos inergativos, verificamos que eles aparecem poucas vezes.

6.2 *Como os verbos inergativos e os inacusativos aparecem na fala das crianças, se na ordem SV ou na VS?*

Começaremos discorrendo sobre as ocorrências de verbos inergativos. Nos dados analisados, constatamos que as crianças realizaram as estruturas inergativas somente na ordem SV. Tal resultado vai ao encontro do alcançado por Palmiere (2002), uma vez que essa autora identificou a ordem VS apenas em estruturas inacusativas.

Em relação aos verbos inacusativos prototípicos e aos inacusativos modais e de ligação, obtivemos um resultado diferente. Isso porque, já na primeira etapa de análise, as duas crianças alternaram a ordem da estrutura inacusativa. Em outras palavras, encontramos, desde muito cedo, estruturas inacusativas tanto na ordem VS quanto na ordem SV, como demonstrado na seção anterior. A manutenção do argumento da estrutura inergativa na posição de sujeito e a

alternância de ordem somente nas estruturas inacusativas demonstra que as crianças sabem diferenciar os verbos monoargumentais e, por isso, realizam-nos de formas diferentes.

6.3 Em que faixa etária as crianças alternam a ordem da estrutura inacusativa e, portanto, realizam o movimento argumental?

Essa seção relaciona-se com o que foi apresentado nas seções anteriores. Contudo, vale retomarmos que, entre os 02;04,01 e os 02;06,12 de idade, a criança A já alterna a ordem das estruturas inacusativas. Entre os 02;01,18 e os 02;03,23 de idade, a criança B também já realiza essa alternância. Os exemplos trazidos na seção 6.1 atestam essa afirmação.

Observamos, ainda, que as crianças tendem a preencher mais vezes a posição de sujeito quando as estruturas inacusativas são formadas por verbos modais e de ligação, como por exemplo:

- a) Esse **tá** rasgado (A.: 02;10,21);
- b) Eu **vô** virá página (B.: 02;09,20).

A sentença produzida pela criança A exemplifica o caso de um verbo de ligação que tem como complemento uma *Small Clause*. Nesse caso, o sintagma “rasgado” seleciona o pronome “esse” que, no curso da derivação sintática, se desloca até a posição de sujeito da sentença com verbo de ligação. A sentença produzida pela criança B traz um verbo inacusativo que seleciona como complemento interno uma sentença no infinitivo impessoal.

6.4 Em que ordem os verbos inergativos e os inacusativos normalmente ocorrem?

Na produção linguística das duas crianças, os verbos inergativos apareceram apenas na ordem SV, como já discutido. Esse diagnóstico também corrobora o estudo de Miotto, Silva e Lopes (2013), pois, para esses autores, uma das propriedades que distingue os verbos inacusativos dos inergativos é a ordem entre o argumento e o núcleo da sentença. Segundo esses autores, os inergativos só admitem que seu argumento se superficialize como sujeito da sentença, situando-se, assim, à esquerda do verbo, como o que ocorre em:

- a) Eli num **mordi**? (A.: 03;01,27);
- b) U piupiu **voô** di novu (A.: 03,01,27);
- c) Essa num **chola**! (B.: 02;02,01);
- d) O home **fugiu** (B.: 02;03,13).

No que diz respeito aos verbos inacusativos, verificamos que a ordem que predomina neste tipo de estrutura é a SV. A inclusão dos verbos modais e de ligação na classe dos inacusativos determinou esse resultado, dado que as estruturas compostas por esses verbos tendem a ter a posição de sujeito preenchida, como apresentado na seção 6.3.

6.5 Qual é a relação entre o tipo de verbo monoargumental e o aspecto semântico?

A respeito da relação entre (a)telicidade e as estruturas monoargumentais, confirmamos o resultado obtido por Xavier (2016), tendo em vista que os verbos inacusativos e os inergativos surgiram, na maior parte dos casos, em situações atélicas, nos dados das duas crianças. Alcançamos esse resultado, pois incluímos na classe dos inacusativos os verbos modais e de ligação. Em todas as etapas de análise, esses verbos apareceram mais vezes em situações atélicas, o que influenciou diretamente no resultado para a classe dos inacusativos como um todo. Caso não tivéssemos considerado os verbos modais e de ligação como sendo inacusativos, o resultado seria oposto, visto que, nos dados das duas crianças, os verbos prototípicos surgem mais em situações télicas. Para ilustrar essa constatação, temos as seguintes sentenças:

- a) **Cabô** a história (A.: 03;03,08);
- b) **Saiu** batom di novo (A.: 03;03,08);
- c) Minha mão **sarô!** (A.: 04;01,22);
- d) A J. **chegô!** (B.: 02;03,13);
- e) **Morreu** o dagão! (B.: 02;11,01);
- f) Nenê dela **nasceu** (B.: 03;01,25).

Todas as construções acima retratadas são formadas por verbos inacusativos prototípicos e denotam um término (télicas). Já as construções seguintes são formadas por verbos modais e de ligação e são atélicas:

- a) A S. **tá** istragandu (A.: 03;04,16);
- b) Eu **vô** desenhá diferenti (A.: 04;01,22);
- c) Ela **tá** dandu risada (A.: 03;05,25);
- d) O que que ela **tá** fazendo? (B.: 03,02,07);
- e) Mas eu **sô** pequena (B.: 03;03,04);
- f) O cavalo **tá** durmindo (B.: 03;03,04).

Essas sentenças formam situações atélicas, pois não apresentam um término delimitado. Os resultados apresentados no decorrer dessa seção sugerem que os verbos categorizados como prototípicos se comportam de maneira diferente no que concerne ao aspecto semântico, se comparados aos modais e de ligação. Já os inergativos são preferencialmente atélicos, como apresentado em outras pesquisas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa que investigou a produção de sentenças com verbos monoargumentais (inergativos e inacusativos) no processo de aquisição da linguagem. A partir dos pressupostos gerativistas, analisamos produções linguísticas de duas crianças em fase de aquisição da linguagem.

Por meio da análise dos dados dessas crianças, verificamos que os verbos monoargumentais estão presentes em suas produções desde muito cedo. Os verbos inergativos surgiram apenas na ordem SV (sua ordem canônica). Por outro lado, os verbos inacusativos ocorreram tanto na ordem SV quanto na ordem VS, desde as primeiras produções analisadas. Essa alternância apenas da estrutura inacusativa sugere que as crianças têm o conhecimento acerca desses verbos em sua gramática inicial.

No que diz respeito aos denominados nesta pesquisa de inacusativos prototípicos, verificamos que muitos deles ocorreram na ordem VS, como apresentado em vários estudos. Além disso, vários verbos inacusativos ocorreram na forma télica, outra característica consagrada na literatura. Entretanto, ao incluirmos os verbos modais e de ligação na classe dos inacusativos, temos outro quadro: a ordem que predomina na classe dos inacusativos, nessa segunda perspectiva, é a SV. Da mesma forma, a relação atestada entre a atelicidade e os verbos inacusativos advém da inserção desses verbos modais e de ligação. Eles são normalmente atélicos e isso influenciou o resultado final para a classe dos inacusativos. Portanto, esses resultados atestam a relevância de estudos futuros sobre os verbos modais e de ligação, visto que esses verbos demonstraram comportamentos diferentes em relação aos inacusativos nomeados prototípicos. Desse modo, a categorização de verbos como inacusativos ou inergativos ainda suscita muitas perguntas e investigações.

REFERÊNCIAS

- BURZIO, Luigi. **Italian Syntax: a government-binding approach**. Dordrecht: Reidel Publish Company, 1986.
- CIRÍACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e inergatividade no PB. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.46, n.2, p. 207-225, jul/dez. 2004.
- COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da Sintaxe**. Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Arménio Amado, 1975.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e pensamento**. Tradução de Francisco M. Guimarães. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

COSTA, João; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. Acquisition of Portuguese Syntax. In: WETZELS, Wellen Leo; MENUZZI, Sérgio; COSTA, João. (Orgs.) **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2016. cap.31, p. 562-577.

HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The Faculty of Language: What is it, Who has it, and how did it evolve? **SCIENCE**, New York, v. 298, p.1569-1579, nov.2002.

HERMONT, Arabie Bezri. Aquisição da linguagem à luz da Teoria Gerativa. In: HERMONT, Arabie Bezri. (Org.); XAVIER, Gláucia do Carmo. (Org.). **Gerativa: (inter)faces de uma teoria**. Florianópolis: Beconn – produção de conteúdo, 2014.

HERMONT, Arabie Bezri. **Tempo e Aspecto no DEL**. 2005. 273f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

PALMIERE, Denise Telles Leme. **A inacusatividade na aquisição da linguagem**. 2002. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos em Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

XAVIER, Gláucia do Carmo. **O estudo do aspecto em uma perspectiva minimalista: representação sintática e relações com categorias funcionais e lexicais**. 2016. 236f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.